

# Fernando Alves

## A ave clandestina da crónica

ISABEL CRISTINA MATEUS

■ No final de setembro, calaram-se na rádio os Sinais e as manhãs da TSF nunca mais voltaram a ser as mesmas. Nem as manhãs da rádio, nem as dos muitos ouvintes para quem a voz de Fernando Alves (FA) se tornou familiar ao longo de mais de 30 anos e os breves minutos da crónica um ritual sagrado antes de entrar no dia de trabalho. Calaram-se os Sinais, mas o gesto de FA deixou no ar o sinal dos tempos difíceis vividos pelo jornalismo enquanto pilar da democracia nas sociedades contemporâneas.

A edição de Sinais: as últimas 50 crónicas da TSF vem, de certo modo, preencher este vazio. Ouvintes e leitores têm agora a possibilidade de voltar a estas crónicas, de nelas demorar o olhar, de reencontrar personagens e imagens que, de modos distintos, marcaram o tom da partitura individual dos dias.

As crónicas de FA fazem falta num país de longos noticiários monotemáticos onde a guerra, o espetáculo em direto em que se transformou a justiça, o exercício voyeurístico de desgraças várias ocupa todos os dias o *prime time* e em que a banalidade do mal, servida em pantagruélicas doses de imagens, nos vai tornando humanamente imunes. Desde logo porque estas crónicas constituem um modo outro de ler o andamento dos dias, um noticiário ou alinhamento diferentes e, já agora, um contraditório necessário. São, literalmente, "sinais", chamadas de atenção ou de alerta, indícios de uma humanidade perdida ou em vias de extinção. O que exige um deslocamento do olhar para aquilo que as câmaras ignoram ou escapa aos holofotes mediáticos, para o que diariamente acontece e as redações condenam ao caixote do lixo.

As crónicas de FA trazem à luz do dia o detalhe, ínfimo ou íntimo, capaz de iluminar o quotidiano; traduzem para a linguagem do belo ou da mais acerada ironia, os acontecimentos da actualidade; estabelecem conexões improváveis, tramas de sentido, interpretam e convocam a interpretação. Como acontece na belíssima crónica de abertura deste livro, "O Homem é um Bicho Esmochado", onde o insólito roubo relatado no jornal digital *Bahia Notícias* se cruza com a notícia de primeira página do *Jornal de Notícias* alertando para o número crescente de crianças e jovens que jogam a dinheiro online e um conto de Guimarães Rosa.

O jornal brasileiro dá conta do roubo do mealheiro de uma criança de sete anos "que juntava dinheiro para comprar um bezerro": a notícia, diz o cronista, "dá vontade de chorar", mais ainda quando confrontada

com a trágica perda do menino do conto "Conversa de bois", incluído em *Sagurana*, que vai no carro de bois a sepultar o pai. Ora é justamente este entrelaçar de leituras e de imagens que permite iluminar, quero dizer, ler sob uma luz outra o presente, descobrir assimetrias, singularidades, a sua natureza paradoxal.

**OS SINAIS NASCEM, ANTES DE MAIS**, desta dimensão jornalística, de uma vontade de dizer a atualidade, ser a crónica do tempo que passa. Todavia, estas crónicas vão muito para além da efemeridade do jornal que, como lembra Manuel António Pina, "no dia seguinte só serve para embrulhar peixe" ou da velocidade das ondas de rádio. Há nelas uma poética do olhar longamente aprendido com escritores e poetas de eleição (Ruy Belo, Manoel de Barros, Caeiro, Ferreira Gullar, Paulo Leminski,

precisamos do olhar dos poetas para nos ajudar a descascar o quotidiano.

Não será por acaso que o olhar do cronista-poeta se demora numa fotografia do *El País* e dá a ver Raja Amimo, sentado num chão de cebolas. O sorriso do agricultor, por entre os versos da ode de Neruda, destapa o fio de luz da esperança em melhores dias para Moçambique mesmo se por cá "a rádio dá voz a quem descasca o penoso bolbo dos dias" (p. 12). Acende em nós um olhar de espanto para lá da indigência e desumanização crescente.

Fernando Alves desconfia de rótulos, incluindo o de cronista que, como confessou ao JL, o deixa "assustado" (n.º 1387, 29.11.2023). Na entrevista concedida a Bárbara Reis para o jornal *Público* (7.01.2024), reconhece apenas como "único mérito (...) ter amadurecido uma escrita radiofónica, uma coisa dançável, cadenciada, um balanço". Um corpo em movimento,

tangível, flexível, metamórfico como sempre é o corpo da crónica.

**SEGUIR ESTA DANÇA DE PALAVRAS (E DE LIGAÇÕES)** faz parte da sedução da crónica, dança que tanto pode nascer de uma frase ou expressão colhida no ar, de um gesto surpreendido ao acaso, da memória de um verso, de uma fotografia, de um filme, de uma história que vem à rede dos dias. Do puro gozo da linguagem, do seu poder criador ou transgressor, como fica patente na crónica de sabor gin-tonic, "Um almoço sem escamas".

O encantamento de *Sinais* advém desta coreografia móvel do pensamento e do olhar, caminhando devagar na estrada dos dias, voando na asa da palavra ou deslocando-se rente ao chão, tocando a pele da terra. Afinal, o mesmo chão onde surge sentado o vagabundo leitor de clássicos do último romance de Vila-Matas, retomado por Fernando Alves na sua última crónica: o lugar de onde se pode ver que "os homens passam e não são felizes" (p.108).

Mas o encantamento maior destas crónicas vem do júbilo vital que irradiam, desse fio de sol que faz da crónica o lugar improvável onde um pássaro canta (ou dança), para usar a imagem de Manuel António Pina. Seja o pássaro azul do Twitter que bateu asas e voou para fora da gaiola de Elon Musk, os mil e setecentos periquitos que são a companhia de um reformado em Berlim, imagem desamparada da solidão urbana, ou a "ave clandestina" que a qualquer momento pode vir posar no ombro do cronista e ensaiar o canto, acordar a dança.

"A linguagem é inseparável do homem", afirma Rafael Cadenas, e é, por isso, indispensável num mundo de rosto humano. Num tempo em que se assiste a uma perturbadora redução do léxico e à tentação do pensamento único, a leitura destas crónicas é um poderoso antídoto redutor. Ler estes *Sinais* devolve-nos o prazer da linguagem, a "espantosa realidade das coisas". Um fio de luz ou felicidade. Um modo humano de habitar o mundo. ■

\* Isabel Cristina Mateus é prof.ª da Universidade do Minho, investigadora do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM) e ensaísta



Fernando Alves "Estas crónicas vão muito para além da efemeridade do jornal"

entre outros), um modo diferente de ler o mundo para lá da espuma do quotidiano.

"Tenho olhos, não pontos de vista" é o título de uma crónica que convoca o verso de Rafael Cadenas e a entrega do Prémio Cervantes ao poeta venezuelano para comentar as tensões políticas em Espanha, título que resume este olhar rente à respiração do mundo que as crónicas ensalam. Porque a poesia, afirma João Luís Barreto Guimarães, "destapa sentidos encobertos", subverte a lógica corrente, desafia o pensamento e a linguagem. De tão ocupados que andamos "tricotando ecrãs" (p. 101), nem nos apercebemos de que as coisas nos são apresentadas encobertas, em camadas, como as cebolas e que, por isso,

**São chamadas de atenção ou de alerta, indícios de uma humanidade perdida ou em vias de extinção. O que exige um deslocamento do olhar para aquilo que as câmaras ignoram ou escapa aos holofotes mediáticos**



► Fernando Alves  
**SINAIS: AS ÚLTIMAS 50 CRÓNICAS NA TSF**  
Ancora Editora, 112 pp., 12 euros